

Carlos Eduardo Martins

GLOBALIZAÇÃO, DEPENDÊNCIA E
NEOLIBERALISMO NA AMÉRICA LATINA

SUMÁRIO

Prefácio – Theotonio dos Santos	7
Introdução	11
As ciências sociais e os desafios da globalização.....	15
2. Moderno sistema mundial e capitalismo: origens, ciclos e secularidade.....	39
3. A globalização e a crise do moderno sistema mundial	113
4. Os impasses da hegemonia dos Estados Unidos: perspectivas para o século XXI	169
5. Dependência e desenvolvimento no moderno sistema mundial.....	213
6. A superexploração do trabalho e o neoliberalismo: a economia política da dependência.....	275
7. Dependência, neoliberalismo e novos padrões de desenvolvimento na América Latina	313
Conclusão	347
Bibliografia	353

PREFÁCIO

Theotônio dos Santos

Este livro enfrenta com vigor teórico exemplar uma temática de grande atualidade e toma pelos chifres três conceitos-chave para o pensamento social contemporâneo: globalização, dependência e neoliberalismo. O mais significativo, porém, é que inscreve essa vasta tarefa intelectual no quadro da análise do moderno sistema mundial, cuja crise discute com rigor.

O autor parte dos estudos de Immanuel Wallerstein sobre capitalismo histórico para mostrar que as tentativas de compreender o capitalismo como um modo de produção puro, conforme Marx realizou com enorme êxito, não esgotam sua compreensão, na medida em que sua constituição histórica determina em grande parte elementos-chave do sistema econômico, social e político que fazem parte de sua própria essência.

Um desses elementos históricos é o moderno sistema mundial, que se constituiu no século XVI com o início das navegações oceânicas. Apoiadas financeiramente pelos genoveses, mas organizadas por Portugal e pela Espanha, essas navegações incorporaram as Américas ao circuito comercial mundial e abriram o comércio com o Oriente, dominado até então pelos Árabes.

Foi, porém, com o pacto de equilíbrio europeu, implantado pela Holanda no século XVII, e finalmente com a hegemonia britânica no mundo que esse sistema se estabeleceu mais firmemente, apoiado também na revolução industrial, que possibilitou a integração entre o modo de produção capitalista e a base material que entregou ao novo sistema mundial os meios de conquista de todo o planeta.

Cada um desses períodos se caracterizou por um movimento cíclico que Fernand Braudel estudou com enorme rigor e que Wallerstein se deu a tarefa de pes-

quisar nos quatro volumes de seu *The Modern World-System* [Moderno sistema-mundo]*, que se converteu num sistema mundial único. Falta ainda avançar na análise do surgimento de um novo ciclo mundial, que se forma no final da Segunda Guerra Mundial sob a hegemonia do sistema financeiro, monetário e geopolítico internacional estabelecido pelos Estados Unidos e seus aliados, vencedores da guerra.

Carlos Eduardo Martins faz aqui um balanço bastante sério das propostas de análises dos ciclos longos de Wallerstein e de Giovanni Arrighi, que se caracterizam pelo estudo do estabelecimento de um poder hegemônico e das zonas periféricas e semiperiféricas que constituem esse sistema. O importante de seu enfoque é a demonstração da necessidade dessa visão secular para dar sentido às análises das conjunturas atuais e seus possíveis desdobramentos.

É assim que o conceito de globalização ganha um sentido muito mais concreto quando é inserido no amplo contexto da formação desse moderno sistema mundial. O autor incorpora, contudo, um elemento explicativo fundamental para a compreensão do processo de globalização. Trata-se do papel da revolução científico-técnica na caracterização das mudanças qualitativas que conduziram aos fenômenos que se inserem nesse conceito tão amplo.

O livro analisa os diferentes enfoques da globalização, entre os quais se distinguem:

- a) a interpretação globalista, que considera a globalização como uma realidade totalmente nova que constitui um novo objeto de análise para as ciências sociais, com novos atores (as empresas e o mercado global) que subjugariam os Estados Nacionais; um novo paradigma tecnológico que serviria de base para um novo sistema mundial desterritorializado;
- b) as teorias da hegemonia compartilhada, que veem na revolução microeletrônica uma mudança no grau de internacionalização que não destrói o papel fundamental dos Estados Nacionais;
- c) o enfoque neodesenvolvimentista, que vê a globalização como um fenômeno essencialmente financeiro, baseado na integração mundial dos mercados financeiros que se impõem sobre o sistema produtivo. O grave, de acordo com essa teoria, é que o capital financeiro teria de liberar o capital produtivo para poder retomar o desenvolvimento econômico e os Estados Nacionais, únicos capazes de concentrar os gigantescos recursos que permitem conduzir o desenvolvimento na etapa da revolução científico-técnica;

* Immanuel Wallerstein, *The Modern World-System* (Berkeley, University of California Press, 2011). [Ed. esp: *el moderno sistema-mundial*, Buenos Aires, Siglo XXI, 2010.] (N. E.)

d) a interpretação dos teóricos do sistema-mundo que identificam um único sistema global. Entre eles se destaca a posição dos que acreditam existir uma continuidade secular nesse sistema único e a daqueles que acentuam as descon continuidades de sua evolução, inscrita em ciclos de longa duração.

Por fim, o autor analisa a teoria da dependência, que, apesar de suas ligações históricas com a teoria do sistema mundial, se diferencia desta pela caracterização da globalização como um período de crise do modo de produção capitalista que incorpora contraditoriamente a revolução científico-técnica e promove ao mesmo tempo o máximo desenvolvimento da lei do valor no plano mundial e a sua superação.

Somente a descrição detalhada dessas correntes já é uma contribuição importante para a sistematização de uma problemática cuja compreensão se encontra em fase de grande confusão, mas o autor nos brinda ainda com uma análise minuciosa do caráter da crise do sistema mundial e da hegemonia norte-americana, tão contestada, mas tão evidente quando estudada por um ângulo histórico.

O balanço da questão da hegemonia e das perspectivas do século XXI permite ao autor abordar um capítulo extremamente novo na história das ideias sociais ao estudar as relações entre a teoria da dependência e a teoria do sistema mundial. Eu tratei deste tema no livro *A teoria da dependência: balanço e perspectivas*¹, e no meu artigo para o livro eletrônico em homenagem a Immanuel Wallerstein², mas o autor adiciona elementos novos ao enfoque dessa continuidade teórica e analítica que podem ser encontrados no livro da Unesco *Los retos de la globalización – ensayos en homenaje a Theotonio dos Santos*³, editados em espanhol na Venezuela e no Peru.

Também considero extremamente importante o capítulo dedicado ao tema da dependência e do desenvolvimento no moderno sistema mundial. O enfoque do autor contextualiza historicamente o debate sobre o desenvolvimento e mostra o papel crítico da teoria da dependência ao analisar seus limites históricos.

A ofensiva do pensamento neoliberal desde a década de 1980 derrubou o desenvolvimentismo apoiando-se em parte nas suas debilidades, mas sobretudo buscou eliminar as conquistas sociais e civilizacionais que ele tinha alcançado. O autor mostra como o fracasso histórico do neoliberalismo abre caminho em nossos dias para uma retomada da temática do desenvolvimento e dos debates sobre a dependência, aprofundados pela teoria do sistema mundial.

¹ São Paulo, Civilização Brasileira, 2000.

² “World Economic System: On the Genesis of a Concept”, em Giovanni Arrighi e Walter L. Goldfrank (orgs.), *Festschrift for Immanuel Wallerstein – Part I, Journal of World-Systems Research*, Califórnia, v. xi, n. 2, Summer/Fall, 2000. p. 456-77. Disponível em: <<http://jwsr.ucr.edu/archive/vol6/number2/pdf/jwsr-v6n2.pdf>>.

³ Caracas, Unesco, 1998.

Martins dedica um capítulo especial ao tema da superexploração do trabalho, desenvolvido por nós, mas em particular por Ruy Mauro Marini na sua *Dialética da dependência*⁴. A relação entre a expropriação internacional dos excedentes gerados nos países da América Latina e a busca de superexploração dos trabalhadores por parte das classes dominantes locais para compensar essas perdas está no coração do fenômeno da dependência. É extremamente auspicioso ver um grupo de jovens pesquisadores retomar essas questões com grande rigor teórico.

Creio que o leitor compreenderá rapidamente que este é um livro essencial e necessário, com grandes possibilidades de se converter num clássico das ciências sociais latino-americanas, sobretudo neste momento histórico, em que a região necessita de um rigoroso aparelho teórico para fundamentar suas políticas progressistas em marcha com crescente apoio popular.

⁴ Petrópolis, Vozes, 2000.